

Turismo, símbolos, imagens e imaginários do paraíso Vila do Aventureiro: a construção dos “de dentro” e dos “de fora”

Teresa Cristina de Miranda Mendonça¹
Janaina Nascimento Simões de Souza²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Resumo: A Vila do Aventureiro está localizada na Ilha Grande (Angra dos Reis, RJ), onde está presente uma população tida como “as mais caiçaras da Ilha” e que passa de uma base econômica ligada à agricultura e à pesca para o turismo. O coqueiro deitado é um elemento simbólico representativo para os moradores assim como se tornou cartão postal do lugar e ícone do turismo que é utilizado por diversos meios de comunicação. É diante da reflexão sobre imagens e imaginários construídos para destinos turísticos que esse artigo é inspirado. O trabalho apresenta alguns elementos que se tornam símbolo do lugar, tanto para os “de dentro” quanto para os “de fora”, na perspectiva de Diegues, principalmente analisando as fachadas segundo perspectiva de Goffman.

Palavras-chave: Imagem; imaginário, fachada; turismo; Vila Aventureiro.

Introdução

O turismo é, por alguns pesquisadores, identificado pelo deslocamento, estimulado pela busca do desconhecido, motivado pelo estranhamento ao que é novo. Desta forma, para Gastal (2005), nos diferentes deslocamentos as imagens geram imaginários a respeito de algum lugar. Imagens com que, antes da viagem as pessoas entram em contato, principalmente visual, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na *internet* ou mesmo por intermédio de cartões postais, ou outras ferramentas mediáticas. Imaginários reificados pelos sentimentos alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que irão corroborar na construção de conceitos construídos na mente do público, como “local romântico”, “perigoso” ou “paraíso” (GASTAL, 2005, p. 12-13). A visão do “paraíso” é um

¹ Doutora em Ciências Sociais (UERJ). Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ). Bacharel em Turismo (UNESA). Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pesquisadora do Grupo Governança, biodiversidade, áreas protegidas e inclusão social (GAPIS/UFRRJ). *E-mail:* tecaturismo@yahoo.com.br

² Doutoranda em Antropologia (UFF). Mestre em Gestão e Estratégia em Negócios (UFRRJ). Bacharel em Administração (UFRRJ). Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro UFRRJ. Coordenadora do Grupo de Estudos em Marketing, Tecnologia e Ecologia (GEMTE/UFRRJ). *E-mail:* jananss@yahoo.com.br

dos conceitos construídos sobre a Vila do Aventureiro, localizada na Ilha Grande, no município de Angra dos Reis, litoral sul do estado do Rio de Janeiro.

A Ilha Grande é a segunda maior ilha oceânica brasileira (193 km²), um dos maiores patrimônios naturais do Estado do Rio de Janeiro e um dos últimos locais preservados de Mata Atlântica brasileira. Devido à riqueza e importância de seu ecossistema, foram criadas quatro áreas protegidas neste ambiente insular: o Parque Estadual da Ilha Grande – PEIG (1971), a Reserva Biológica da Praia do Sul - RBPS (1981), a Área de Proteção Ambiental de Tamoios – APA Tamoios (1982) e o Parque Estadual Marinho do Aventureiro – PEMA (1990). Cabe, então, reconhecer que esse processo contribuiu também para transformar a natureza em principal produto da Ilha. A natureza protegida tornou-se o motivo para o turismo se transformar na principal alternativa de sobrevivência para os moradores da Ilha Grande, incentivado também pela crise pesqueira (MENDONÇA, 2010).

Durante cinco anos de pesquisa e projeto de extensão universitária, na Ilha Grande, e principalmente na Vila do Aventureiro, entre 2007 e 2012, buscou-se os significados relacionados ao que está constituído como turismo, tanto no nível dos discursos e das representações, quanto das práticas e das relações sociais instituídas na Ilha Grande. Assim, houve a inserção nesta região como “descobridores de caminho”, conforme perspectiva de Tim Ingold. A palavra “região” é aqui apropriada, tendo como referência, a perspectiva de Tim Ingold (2005, p 76): “(...) os lugares não têm posições e sim histórias. Unidos pelos itinerários de seus habitantes, os lugares existem não no espaço, mas como nós, em uma matriz de movimento. Aqui, esta matriz será chamada de região.” Para “descobrir caminhos” a metodologia utilizada foi: observação participante, registros fotográficos, anotações e gravações de discussões em fóruns comunitários locais, entrevistas semi-estruturadas com moradores e participação em oficinas de trabalhos e jogos.

A interpretação dos significados, a partir dos significantes provenientes de manifestações artísticas como desenhos, pinturas, colagem, além da construção de frases, para a projeção do que significa ser morador do Aventureiro, foi um recurso utilizado para discussão a respeito da construção de uma identidade visual que representasse a vila e seus moradores. A fotoetnografia (BONE; MORESCHI, 2007; VERGARA, 2005) foi usada para documentar, registrar e servir de importante instrumento para reflexões e análises.

A imagem, hoje, não pode mais estar separada do saber científico. A Antropologia não dispensa os recursos visuais – e não são recursos apenas como um suporte de pesquisa, mas imagens que agem como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural. A Antropologia Visual não almeja, dentro dos novos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente compreender melhor o que o outro tem a dizer para outros que querem ver, ouvir e sentir. (ANDRADE, 2002 apud BONI ; MORESCHI, 2007, p. 139-140)

Destacando a Vila do Aventureiro, atualmente no local, convivem a população, tida como “os mais caiçaras da Ilha Grande”, o turismo e um modelo de proteção do meio ambiente que influencia, juntamente com o poder da globalização, qualquer modo de vida. Aliados a este contexto, a insularidade, a dificuldade de acesso, a influência da instabilidade do mar, a falta de recursos básicos (energia elétrica, saneamento básico, sistema de comunicação, transporte regular) que também são responsáveis pelo isolamento da população.

Desta forma, na Ilha, a natureza como atrativo com base na sua representação como paisagem, cenário, um espetáculo é que se constituiu como consumo pelo turismo. Como resultado, entre imagens predominantes do verde da mata e do azul do mar, fotos de cachoeiras, praias na veiculação do imaginário do paraíso ou santuário ecológico, a Ilha Grande é apresentada na mídia e nas campanhas publicitárias. Partindo da importância dada aos elementos naturais, o principal ícone que identifica a praia do Aventureiro no mercado turístico é o coqueiro deitado (Figura 1). Na fala dos moradores ele é “o cartão postal da praia”.

Midiaticamente, a vida na Ilha Grande, e sua referência ao turismo, remete à ideia de “viver no paraíso”, muitas vezes utilizando a imagem do coqueiro deitado, que caiu durante uma tempestade, não foi levado pela chuva ou pelo mar e adaptou-se na direção do sol. A árvore manteve-se viva com seu tronco curvado em 90 graus, tornou-se o principal atrativo turístico local e tornou-se um ícone, uma marca tanto para a vila quanto para a Ilha.

Figura 1: O coqueiro deitado



É diante da reflexão sobre imagens e imaginários construídos para destinos turísticos de que trata esse artigo, inspirado pelos 5 anos de pesquisa no campo da Antropologia, diante da perspectiva de Ingold (2005). O objetivo deste trabalho é, então, apresentar alguns elementos que se tornam símbolo do lugar, tanto para os “de dentro” quanto para os “de fora”, na perspectiva de Diegues (1998), principalmente analisando as fachadas mostradas como mais significativas. Fachada no sentido tratado por Goffman (2009, p. 29), como sendo “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação”. Segundo o autor (2009, p. 36), a fachada social é composta por três partes tradicionais, chamadas de “cenário, aparência e maneira”. É a partir do olhar dos “de dentro” e dos “de fora” (DIEGUES, 1998), de imagens e imaginários, que este artigo tem como objetivo construir a imagem da Vila do Aventureiro enquanto destino turístico e local de vida.

A Vila do Aventureiro, sob influência do processo de proteção da natureza

O caso da Vila do Aventureiro exemplifica a contextualização apresentada no âmbito da Ilha Grande. Este é um exemplo específico da Ilha, relacionado com a crise pesqueira e com a criação de áreas protegidas em um lugar onde a natureza foi um dos poucos recursos que restou aos moradores. Há diversas gerações, a atividade de subsistência dos moradores estava ligada à exploração dos recursos naturais como a pesca, a caça eventual, a agricultura doméstica, voltada principalmente para a produção de farinha de mandioca (VILAÇA; MAIA,

2006), passando pela história da cultura da cana e do café. A renda das famílias estava vinculada também ao salário dos moradores que trabalhavam com pesca assalariada. Pela pesquisa realizada por Mendonça (2010), as medidas de proteção da natureza no Aventureiro fizeram com que restasse aos moradores apenas o turismo, como a única alternativa econômica para a sobrevivência – “uma oportunidade dada por Deus” -, conforme a fala de Cícero, morador do Aventureiro durante entrevista realizada em 2009.

É importante destacar que, a Vila do Aventureiro está localizada dentro da Reserva Biológica da Praia do Sul e é diretamente influenciada pelo Parque Estadual Marinho do Aventureiro. Em uma área de grande conflito socioambiental do Estado do Rio de Janeiro, o exemplo da Vila do Aventureiro mostra como nenhuma categoria de unidade de conservação tão restritiva como a reserva biológica impediu que seus moradores continuassem dentro de sua área vivendo de atividades ligadas, de forma direta ou indireta, ao turismo.

Ou seja, a criação da Reserva Biológica da Praia do Sul ajudou na consolidação da imagem do Aventureiro como o paraíso idílico, lugar exótico, símbolo do natural, do primitivo, do único, pedaço do paraíso perdido do “povo caiçara tradicional”. Sua imagem é influenciada, principalmente, pela ausência de um processo de turistificação e de crescimento urbano, tal como a Vila do Abraão (conhecida como a capital da Ilha) e demais localidades deste ambiente insular, assim como pela ausência de energia elétrica e pela manutenção do padrão das casas originais (MENDONÇA, 2011).

Influenciado pelo fim de cerca de 100 anos de um sistema Penitenciário na Ilha, com a implosão do Instituto Penal Cândido Mendes em 1994, e pela presença da Reserva Biológica, o turismo ali se desenvolveu de forma diferenciada das demais enseadas da Ilha Grande, sem especulação imobiliária e crescimento urbano, sem transformação da paisagem ou mesmo a privatização de praias e trilhas, sem cheiro de esgoto e processo imigratório. Reforçando o que diz Prado (2005, p. 14) quanto ao fato de que a Vila do Aventureiro “...é a única praia da Ilha em que a comunidade local tomou inteiramente em suas mãos a condução do turismo que ali ocorre, totalmente a seu jeito”. Ou conforme citado por Costa et al. (2009, 177): “...um caso *sui generis* de gestão local do turismo”.

Em razão da reserva biológica, o modelo de turismo se baseia em uma cadeia produtiva caracterizada por empreendimentos domiciliares e familiares, que não possuem o aspecto físico de empreendimentos turísticos convencionais no mercado, pois, por serem contíguos às

casas, continuam tendo aspecto residencial. A estrutura de campings nos quintais, aluguel de quartos, casas e bares anexos às casas dão o tom domiciliar aos empreendimentos pela discreta e, muitas vezes, imperceptível diferença entre o local de moradia e o empreendimento comercial. Além disso, alguns moradores oferecem sua estrutura domiciliar aos visitantes (quartos, banheiros, sala de estar, cozinha). Com a queda da pesca assalariada, destaca-se algo que favoreceu a inclusão do “povo do Aventureiro” no turismo foi a pouca necessidade de investimento financeiro para início e manutenção dos negócios (COSTA *et al*, 2009), devido ao perfil dos empreendimentos domiciliares.

Em pesquisa realizada pela equipe da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no período de 2009 e 2010 (MENDONÇA; MORAES, 2011), foi registrado que 75% dos moradores estão envolvidos direta ou indiretamente com atividades ligadas ao turismo. Em maior ou menor escala, a transformação local e as adaptações pelas quais passa o “povo do Aventureiro”, pela “recente adaptação à tarefa de receber, transportar e alimentar os turistas e todo o ganho econômico daí recorrente”, são trazidas à reflexão por Costa (2008, p. 264). Conforme Wunder (2006, p. 171), não há dúvidas que a renda com o turismo tenha tido “um impacto revolucionário na economia local”. Para ele, a renda obtida com o turismo pode ter duplicado ou triplicado a renda familiar média do “povo do Aventureiro”. Com a chegada desta nova atividade econômica, muda o perfil dos moradores, o que é considerado por Costa *et al* (2009) como o surgimento de uma nova elite local, caracterizada pelas famílias que atualmente possuem maior poder aquisitivo por se inserirem de forma mais ativa nos empreendimentos turísticos.

Segundo Mendonça (2010), se é possível reconhecer a força do turismo no Aventureiro, é também possível ver o quanto o esquema cultural local se faz presente nesse processo, com destaque para os empreendimentos familiares e as relações de trabalho referidas também ao parentesco. Trata-se de uma gerência local e em moldes locais do turismo. No caso do Aventureiro, mais do que em qualquer outro contexto da Ilha Grande, evidencia-se a relação do turismo com o modelo de gestão ambiental da Ilha, por meio da presença da Reserva Biológica da Praia do Sul e do Parque Estadual Marinho do Aventureiro.

O Aventureiro de Fora para Dentro

As representações da Vila do Aventureiro são, aqui, inspiradas pela reflexão feita por Diegues (1998) ao relativizar a apropriação das ilhas como sinônimo de paraíso. Para “os de fora”, segundo o autor, geralmente as ilhas se equacionam com o paraíso, resultado do seu distanciamento do continente e devido à construção do imaginário do espaço que é símbolo do natural, do selvagem e das culturas originais. Imagens construídas e motivadas pela apropriação da mídia ao reproduzir o conceito de paraíso para “os de fora”.

No caso do Aventureiro, o lugar bucólico permeado pelo verde da Mata Atlântica que cai sobre o azul do mar; sem energia elétrica, transporte terrestre, poluição do ar ou sonora podem representar, para os turistas (“os de fora”), uma “visão do paraíso”. Mendonça (2010) cita a expressão de um turista ao chegar à Vila do Aventureiro pela primeira e se deparar com o ambiente bucólico e de tranquilidade em abril de 2008: “Cheguei ao paraíso!”.

Este ideário é ratificado pela mídia, através de campanhas publicitárias. O mercado turístico, através das comunicações midiáticas utiliza ícones que geram correlações entre a Ilha Grande e o “paraíso”. Um destes ícones é o próprio coqueiro deitado que, embora esteja localizado na praia do Aventureiro, acaba, muitas vezes, se tornando a representação da Ilha como um todo (figura 2).

Figura 2: Site de Compras Coletivas divulgando Pousada na Vila do Abraão



Fonte: Hotel Urbano, 2012.

O site de compras coletivas faz uso da imagem do coqueiro deitado para atrair clientes para uma pousada que fica na Vila do Abraão, a mais populosa e urbanizada, a principal porta de

entrada deste ambiente insular, chamada de “capital da Ilha”. Nota-se que a Vila do Abraão fica localizada nas águas abrigadas da Baía da Ilha Grande, na face contrária da Ilha onde está situada a Vila do Aventureiro. Em pesquisa de campo realizada em janeiro de 2012, o encontro com duas turistas argentinas ilustram a pesquisa. Na busca de informações pela internet sobre locais “paradisíacos” para realização de ecoturismo, as argentinas se encantaram pela figura do coqueiro e foram procurá-lo na Vila do Abraão. Identificando o erro, apenas após comprarem um cartão postal (já na Ilha Grande, porém no Abraão), perguntaram ao vendedor: “- Como chegamos a este coqueiro?”. Após obterem as informações, pegaram um barco e seguiram para o real destino onde o coqueiro deitado se encontra, no Aventureiro.

Entre imagens predominantes do verde da mata e do azul do mar, fotos de cachoeiras, na veiculação do imaginário do paraíso, ou santuário ecológico, a Ilha Grande é apresentada de forma atraente e disponível para muitas pessoas, como ilustrado por Mendonça (2010) ao pesquisar folhetos. Entre diversas frases indenticadas destacam-se: “Ilha Grande, o paraíso brasileiro é aqui.”; “Paraíso Ecológico”; “O Paraíso é aqui! *The Paradise is here!*”; “Tudo azul no paraíso...”; “O paraíso em suas mãos”.

Essa articulação entre imagem e imaginário é cada vez mais relativizada pela mídia, que faz uso das fachadas e estereótipos para construção de um discurso. Na mídia é possível encontrar, algumas vezes, a realidade inteira, outras vezes um recorte dela, ou ainda uma nova realidade criada. Debord (1997), ao tratar da sociedade do espetáculo, cita o filósofo Feuerbach, para exemplificar o “nosso tempo”:

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo sagrado (FEUERBACH apud DEBORD, 1997, p 13).

Segundo Debord (1997), um das características da modernidade é a valorização do “parecer”, acima do “ter” e do “ser”. Portanto, toda imagem que reifique o paraíso se torna valorizada e desejada pelo mercado turístico, ainda que se trate apenas de um conceito construído no imaginário.

Wunder (2006, p. 151) afirma que: “a atratividade da Ilha Grande reside mais na integridade de sua paisagem, de sua “paz de espírito”. É notório que no caso do Aventureiro, a busca pela paz no paraíso tem sido um grande fator de aumento de demanda turística na região. A paz e o acolhimento são interpretados nas falas dos turistas sobre o Aventureiro, também citados por Souza (2012). O Aventureiro é um “paraíso”, é um local onde “as pessoas acreditam em você”, “local onde, embora o morador não me conheça, posso sentar em sua varanda”, conforme registro da fala de um turista em pesquisa de campo realizada de 2009 a 2011. A tranquilidade local, a natureza protegida, a beleza cênica (a paisagem) e a hospitalidade dos moradores também podem representar, para os turistas, uma “visão do paraíso”, conforme cita Mendonça (2011).

O encontro com o outro corrobora a identificação e o reconhecimento dos diferentes tipos de pertencimento, melhor visualizados e percebidos na relação social entre grupos que compartilham culturas distintas. Para Simmel (2006), a identidade do indivíduo e de um povo vem pelo diferencial. O diferencial se dá pelas representações de semelhança e diferença. Nas relações entre os indivíduos a diferença frente ao outro é muito mais importante que a semelhança entre eles. Portanto, para o autor, a diferença responde melhor a questão: “quem eu sou e de onde eu venho?”. Pode-se perceber que ao afirmar o Aventureiro como um “paraíso insular”, o visitante (o “de fora”), se reconhece como não estabelecido no lugar, e ainda demonstra através de sua exclamação, que seu local de procedência, na maioria das vezes com caráter mais urbano, difere do paraíso encontrado.

A paz, portanto como apresenta Wunder (2006), é algo raro e de valor, que precisa ser encontrado em um local distante. Neste caso, próximo à natureza e em uma localidade onde o visitante se sinta acolhido. A paz do paraíso, que perdida pela sociedade urbana pós-moderna, faz com que esta mesma sociedade a busque em destinos como a Ilha Grande. Esta paz está diretamente relacionada com a natureza e, consequentemente, na representação da paisagem da Vila do Aventureiro, valorizada pelo turista urbano que, segundo Ferreira (2004, p. 53), foi favorecida pelo

processo de regeneração da floresta em meio às roças restantes, e pela proximidade de áreas montanhosas com o mar. Com as roças reduzidas, as que sobraram se misturam à mata em regeneração e às capoeiras do pousio. Tal mosaico de vegetação, de onde sobressaem coqueiros em profusão, bananeiras, amendoeiras e jaqueiras contando a história da população que lá está, e também daquela que já se

foi, produz o aspecto exótico da paisagem e dá ao Aventureiro a denominação de paraíso pelos turistas.

No entanto, a paz do “paraíso Aventureiro” é relativa, de “aparência” para o visitante, e “em conflito” para o morador. O ambiente da fachada goffmaniana é identificado na fala de alguns moradores que reconhecem que a maioria dos turistas (“os de fora”) ficam apenas no ambiente de fachada (praia, sol, mar, coqueiro deitado, moradores de um paraíso, natureza preservada, etc...).

O Aventureiro de Dentro para Fora

Quando um indivíduo representa um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele, e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser. Concordando com isso, há o ponto de vista popular de que o indivíduo faz sua representação e dá seu espetáculo para benefício de outros. (GOFFMAN, 2005, p. 25)

Para “os de fora”, geralmente as ilhas se equacionam com o paraíso, resultado do seu distanciamento do continente e devido à construção do imaginário do espaço que é símbolo do natural, do selvagem e da cultura originais. Imaginário construído e motivado pela apropriação da mídia ao reproduzir a imagem de paraíso para “os de fora”. No entanto, para os ilhéus, os “de dentro”, a ilha nem sempre é um espaço paradisíaco, mas também,

um lugar de ancoragem frágil e instável, o lugar de sua vida cotidiana[...]. A precariedade dos espaços e da vida insular é também de ordem política, econômica e cultural, onde frequentemente a vida é difícil num território geograficamente limitado, com recursos naturais limitados, muitas vezes esquecido, dependente de decisões e políticas definidas no continente. As representações sociais dos ilhéus são, portanto, marcadas pela instabilidade, precariedade e dependência (DIEGUES, 1998, p. 109).

Este local de ancoragem frágil e instável é exemplificado por Mendonça (2010) que mostra a diferença do olhar entre “os de dentro” e “os de fora” sobre a Ilha Grande. Ao retornar na viagem de barco para Angra dos Reis da Vila do Aventureiro, a moradora Regina (julho, 2010) revelou que só quem sabe se o Aventureiro é paraíso ou não são os moradores, que

conviveram com o terror de ameaças de presidiários fugitivos, que ficam isolados quando o “mar vira”, sem recursos, com precariedade de transporte e longe de serviços de saúde, inclusive em casos de emergência, o que se contrapõe ao olhar sobre um paraíso visto pelos “de fora”, segundo interesses diversos: “Quando tinha o presídio, ninguém ia lá. Agora vê aquele lugar bonito, sem pousadas. Tem ‘olho grande’!” (Regina, julho, 2010).

De dentro para fora, a imagem é apresentada em um ângulo diferente. Para um jovem morador da praia do Aventureiro, nascido e criado na região, os turistas não sabem sobre a realidade relacionada ao cotidiano da vida na Ilha: “as pessoas desconheçam as dificuldades em viver aqui”, afirma Ricardo, morador e filho de dona de camping e bar, em 2010. Constata-se, que, muitas vezes, o que a coisa “é” em si, faz menos sucesso do que o seu estereótipo:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir de toda a realização humana, uma evidente degradação do *ser* em *ter*. A fase atual, em que a vida está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo “*ter*” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e a sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual torna-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido parecer aquilo que ela não é. Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico (DEBORD, 1997, p. 18).

A Oficina de Criatividade³, realizada em maio de 2009, teve como objetivo, através de atividades lúdico-pedagógicas (“aprendizagem pela ação”), inserir temas para reflexão do grupo como: integração, criatividade, imagem, identidade e marca orientando o olhar dos participantes para seu lugar de moradia e trabalho instigados por duas questões centrais: “O que é ser morador do Aventureiro?” “O que representa o Aventureiro?” A utilização de um material variado: bolas de gás, argila, papel, barbante, tinta guache, tela, giz de cera, revistas, cartolina, entre outros resultou em uma diversidade de trabalhos que mostraram em seu conteúdo e forma com maior frequência elementos como: o mar, o morro, o sol, imagens da natureza, o coqueiro deitado (Figura 3), o surfê e os cenários do cotidiano como a pesca, o pescador, a casa caiçara, a igreja, a procissão.

³ Resultado de atividades desenvolvidas em projeto que teve como objetivo de estimular a criação, o sentimento de equipe, o resgate da valorização da criatividade, através de atividades lúdico-pedagógicas. A oficina resultou em um concurso de identidade visual para se encontrar a melhor representação gráfica do “povo do Aventureiro”, assim como melhor frase que os expressasse. Diferentes formas de manifestação sobre o que é ser “Povo do Aventureiro” foram desenvolvidas pelos moradores, como desenhos, frases, pinturas, arte em argila, colagem de figuras, palavras e mosaico.

Quanto ao fato da classificação como caiçaras, as novas gerações se apropriaram com mais aceitação da classificação étnica. Os mais velhos ainda parecem pouco convencidos, pois no passado, mais do que nos dias atuais, o termo foi relacionado e confundido com “atraso”. Uma moradora, nascida e criada, com mais de 70 anos, afirmou: “caiçara veio com o turismo” (SOUZA, 2011). Na arte dos moradores, o caiçara foi mostrado de forma estereotipada. Mas os moradores foram apresentados de forma plural, conveniente à pós-modernidade (HALL, 2004). Surfistas, religiosos, pescadores foram apresentados como moradores e caiçaras do Aventureiro.

O “povo do Aventureiro” é referido por muitos como “caiçaras” e “população tradicional” da Ilha Grande. É importante indicar que o termo “caiçara” é uma categoria atribuída aos moradores, conforme indica Ferreira (2004), e não propriamente uma categoria nativa, pois, conforme também detectado por Costa (2004) e durante pesquisa de campo o que se ouve de forma mais recorrente são as categorias “filho ou filha do Aventureiro” ou “nascido ou nascida e criado ou criada no Aventureiro”. No entanto, Costa coloca que esta é uma categoria que vem sendo re-apropriada por razões políticas pelas “populações tradicionais”. A dinâmica também acontece atualmente no Aventureiro, por entenderem que esta é uma forma de legitimar o direito a sua manutenção no lugar, assim como se torna um fator de atratividade. Essa categoria atribuída aos moradores (pelos “de fora”) também pode ser considerada uma ação que acaba enquadrando-os em um modo de vida idílico a partir de um fetiche construído socialmente (COSTA, 2004).

Para Clifford Geertz (2008, p 26-27) existe uma indissociabilidade entre o que homem “é” e a sua necessária adaptação ao “tempo”, ao “lugar” e à “circunstância”, visto que não é um ser constante. O autor esclarece a respeito da dificuldade em “traçar uma linha entre o que é natural, universal e constante no homem, e o que é convencional, local e variável”.

O que quer que seja que a antropologia moderna afirme — e ela parece ter afirmado praticamente tudo em uma ou outra ocasião —, ela tem a firme convicção de que não existem de fato homens não-modificados pelos costumes de lugares particulares, nunca existiram e, o que é mais importante, não o poderiam pela própria natureza do caso (GEERTZ, 2008, p 26).

O termo caiçara, portanto precisa ser observado, respeitando-se as necessárias mudanças e adaptações do ser humano ao seu tempo.

De dentro para fora, infere-se que tanto a paz do paraíso, ou o que significa paraíso, é relativa, de “aparência” para o visitante e “em conflito” para o morador. A incongruência entre os diferentes sentimentos geram as fronteiras entre ser “de dentro” e ser “de fora”.

Considerações finais

Muitos consideram que a palavra paraíso é apropriada pelos guias turísticos que qualificam diversos destinos. Isso é visto como uma legítima apropriação para comercialização de um destino como um sonhado paraíso, pois é cobiçado para descanso, relaxamento. Trata-se aqui da reconhecida estratégia de marketing mediante a perspectiva de que cada localidade, que ajuda na construção da representação do lugar pelos “de fora”. Ao analisar os discursos da mídia Siqueira (2006), tem como justificativa a utilização do discurso turístico no qual os lugares afirmam algo de si que os tornam mais belos, atraentes, verdadeiros, importantes, originais, perfeitos, do que os outros que ficam excluídos de gozar dos mesmos atributos sob a ótica do turismo. Na verdade, a apropriação destes discursos transforma e apresenta os destinos como produtos, inseridos em um mercado de grande concorrência em que têm que se oferecer como únicos, exclusivos, com atributos mágicos e encantadores, de atributos que os diferenciam e proporcionam a eles alguma vantagem competitiva. É a utilização dos espaços da mídia e institucionais para construção de um lugar turístico e sua comercialização. Uma estratégia também utilizada no caso da Ilha Grande e conseqüentemente do Aventureiro.

No entanto, entre a construção da imagem de um destino turístico com apelo de um paraíso para usufruto de prazeres dos turistas e as ações de proteção da natureza selvagem, a realidade local leva os diversos atores sociais da Ilha Grande a uma representação do lugar que aparece permanentemente permeada pela dicotomia paraíso-inferno. Agora não mais o inferno do presídio, mas o das condições “caóticas”, diante dos problemas socioambientais, conforme citado por Mendonça (2010). Isto é de um lado, tranquilidade e abundância de recursos naturais ainda bem preservados, e de outro lado, isolamento, precariedade, conflitos de interesses, abandono do poder público, um processo de degradação ambiental.

No caso específico do Aventureiro, o coqueiro deitado caiu e se reergueu, ele é como os moradores, símbolo de resistência, adaptação e resiliência, fazendo uma comparação com a história do lugar. Na fala dos moradores ele é “cartão postal”, símbolo da vila. No entanto, o

que é um cartão postal, senão um recorte de uma realidade; um pedaço pequeno da fachada, onde geralmente ficam a maioria dos turistas. Além disso, é uma lembrança da estada, o que dá visibilidade e atrai pessoas ao local. Assim como o coqueiro, alguns elementos são representativos do lugar e de seus moradores como: população tradicional caiçara moradora de reserva biológica; a hospitalidade; o mar, o sol; o surfe; a farinha e o peixe com banana. As imagens exploradas pela mídia favorecem o imaginário sobre a região como “Ilha do Paraíso”, “Ilha da paz”, “Ilha da tranquilidade”, “Ilha caiçara”. No olhar dos moradores esta é uma visão de recorte da realidade, uma fachada.

Referências

ANDRADE, R de. Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro. São Paulo: Estação Liberdade. 2002. In: BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico.** Universidade Estadual de Londrina. Doc On-line, n.03, Dezembro 2007, www.doc.ubi.pt, pp. 137-157. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf>.

COSTA, G. V. L. da; CATÃO, H.; PRADO, R. M. Praia do Aventureiro: um caso sui generis de gestão local do turismo In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, I. (orgs). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 177-197.

COSTA, G. V. L. **A população do Aventureiro e a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul: conflitos e disputas sob tutela ambiental.** Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2004.

DEBORD, G.. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIEGUES, A. C. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário.** São Paulo: Hucitec, 1998.



FERREIRA, H. C. H. **Redefinindo Territórios**: preservação e transformação no Aventureiro – Ilha Grande (RJ). Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/ICHS/CPDA, 2004.

GASTAL, S. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC Turismo).

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, E. **As Representações do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis. Vozes, 2005.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 9 ed..RJ: DP&A, 2004.

INGOLD, T. Jornada ao Longo de um caminho de vida: mapas, descobridor-caminho e navegação, **Religião e Sociedade**. 2005, v. 25, n 1, p. 76–110.

MENDONÇA, T. C. M. **Que paraíso é esse**: a turismização da Ilha Grande. Tese de doutorado: Rio de Janeiro: UERJ/IFCH/PPCIS, 2010.

MENDONÇA, T. C. de M.; MORAES, E. A. (Orgs). 2011. **O Povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária**: Experiências vivenciadas na Vila do Aventureiro – Ilha Grande, RJ. 1ª edição. Rio de Janeiro: EDUR, UFRRJ.

PRADO, R. M., 2005, De praias que viram morros e do valor da natureza. **XIX Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu-MG.

SIQUEIRA, E. D. de. O melhor lugar do mundo é aqui: etnocentrismo e representações sociais nas revistas de turismo. **25 Reunião da ABA** : GT Antropologia do turismo e da viagem entre a teoria e a prática antropológica, Goiania, 2006.

SOUZA, J.N. S. de; MENDONÇA, T. C. Fotos e imagens In: MENDONÇA, T. C. de M.; MORAES, E. A. (Orgs). 2011. **O Povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária**:



Experiências vivenciadas na Vila do Aventureiro – Ilha Grande, RJ. 1ª edição. Rio de Janeiro: EDUR, UFRRJ. p. 143-200.

SOUZA, J. N. S. de S.; SILVA, L. A. da; GOMES, N. de M.; COSTA, V. de M. **Representações e identidade do povo do Aventureiro** – reflexões sobre esta aplicação no ambiente do Turismo. Conatus, 2010.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, J. N. S. de S; LEOPOLDI, J. S. **Representações e identidade do povo do Aventureiro**. Jornada de Antropologia. Niterói. Universidade Federal Fluminense – UFF. 2011.

SOUZA, J. N. S. de S. **Praia do aventureiro Identidade e representação**. Copião de Tese. Departamento de Antropologia. Universidade Federal Fluminense – UFF. 2012.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

WUNDER, S. Modelos de Turismo, floresta e rendas locais. In: PRADO, Rosane (Org.). Ilha Grande: **Do Sambaqui ao Turismo**. Rio de Janeiro: Editora Garamond. 2006.p. 133-190.